

(RE)IMAGINANDO A ESCOLA:

a circularidade de sentidos a partir das vozes discentes

*Luís Paulo Cruz Borges
Paula Almeida de Castro*

Resumo

Vive-se, na atualidade, grandes desafios às pesquisas nas Ciências Humanas e Sociais. O mundo pós-pandêmico gerou questões emblemáticas no fazer e relatar investigações, especialmente, relacionadas com a Educação. O presente artigo tem como objetivo produzir reflexões sobre os sentidos da escola vivenciados por docentes e discentes durante o período (pós)pandêmico em circularidade. Destaca-se que para entender a complexidade da escuta do Outro é preciso ouvi-lo. Metodologicamente operou-se a partir da vocalização dos sujeitos, estudantes do Ensino Fundamental, com as vozes que representam uma dimensão pungente nas pesquisas levando-se em conta suas dimensões éticas, estéticas e políticas. São narrativas que traduzem uma intencionalidade teórico-metodológica presentes como recorte das realidades sociais que atravessam as experiências em sua dimensão com o conhecimento. Os resultados indicam que os sentidos da escola contemporânea se dão nas fronteiras interdisciplinares e das ressignificações sobre o conhecimento a partir das mediações tecnológicas do tempo presente. Consta-se que as vozes dos/das estudantes são importantes instrumentos de reflexão analítica que nos ajudam a (re)imaginar a escola diante das disputas na contemporaneidade e na formulação de políticas educativas que possam mitigar as desigualdades socioeducacionais.

Palavras-chave: Escola; (Re)imaginação; Circularidade; Vozes da escola.

(RE)IMAGINING THE SCHOOL:

THE CIRCULARITY OF MEANINGS FROM THE VOICES OF STUDENTS

Abstract

In contemporary times, significant challenges confront research in the Human and Social Sciences, particularly in the aftermath of the pandemic, raising emblematic issues in conducting and reporting investigations, especially in the context of Education. This article aims to generate reflections on the meanings of school experienced by educators and students during the (post)pandemic period in a circular manner. Emphasizing the importance of understanding the complexity of listening to the Other, the methodology involves vocalizing the perspectives of elementary school students, considering their ethical, aesthetic, and political dimensions. These narratives serve as a theoretical and methodological intentionality that captures social realities influencing experiences and knowledge. The results indicate that the contemporary sense of school emerges at interdisciplinary frontiers and through redefinitions of knowledge mediated by present-day technologies. It is evident that the voices of students constitute important instruments for analytical reflection, aiding in (re)imagining the school amid contemporary challenges and formulating educational policies to address socioeducational inequalities.

Keywords: School; (Re)imagination; Circularity; School voices.

(RE)IMAGINANDO LA ESCUELA: LA CIRCULARIDAD DE SIGNIFICADOS A PARTIR DE LAS VOCES DE ESTUDIANTES

Resumen

En tiempos contemporáneos, la investigación en Ciencias Humanas y Sociales enfrenta desafíos significativos, especialmente en el período posterior a la pandemia, suscitando problemáticas emblemáticas en la realización e informe de investigaciones, especialmente en el ámbito de la Educación. Este artículo tiene como objetivo generar reflexiones sobre los significados de la escuela experimentados por educadores y estudiantes durante el período (post)pandémico de manera circular. Destacando la importancia de comprender la complejidad de escuchar al Otro, la metodología implica la vocalización de las perspectivas de estudiantes de educación primaria, considerando sus dimensiones éticas, estéticas y políticas. Estas narrativas sirven como una intencionalidad teórica y metodológica que captura las realidades sociales que influyen en experiencias y conocimientos. Los resultados indican que el sentido contemporáneo de la escuela emerge en fronteras interdisciplinarias y a través de redefiniciones del conocimiento mediadas por las tecnologías actuales. Es evidente que las voces de los estudiantes constituyen instrumentos importantes para la reflexión analítica, ayudando a "(re)imaginar" la escuela en medio de desafíos contemporáneos y en la formulación de políticas educativas para abordar las desigualdades socioeducativas.

Palabras clave: Escuela; (Re)imaginación; Circularidad; Voces escolares.

*Se contar e recontar são atos marcados por sinais de incompletude,
pois difícil é traduzir os intensos sentidos da memória,
imagem escrever. Imaginem perseguir uma escrevivência.
Agarrar a vida, a existência, e escrevê-la em seu estado de acontecimentos.
Mas persisto nessa intenção (EVARISTO, 2022, p.09).*

INTRODUÇÃO

A epígrafe de Conceição Evaristo (2022) nos faz pensar nas muitas narrativas vividas diante do caos, medo e terror. O ano de 2020 foi marcado por uma pandemia global gerada por uma “família” de vírus chamada de coronavírus¹. O SARS-COV-2 ao infectar seres humanos causou uma doença, a COVID-19, que se tornou central nos debates mundiais gerando uma síndrome respiratória aguda gravíssima. Partindo do continente asiático o vírus se espalhou para todo o mundo gerando milhões de mortes. Foi, e ainda é, um tempo marcado por incertezas e transformações sociais, globais, políticas, culturais e educacionais. E como ficou a escola diante de tudo isso?

A educação e a escola foram colocadas em xeque saindo do chão para as nuvens (SILVA et al, 2021). Rasuramos os próprios sentidos de educação, escola, sala de aula,

¹Disponível: <https://butantan.gov.br/covid/butantan-tira-duvida/tira-duvida-noticias/qual-a-diferenca-entre-sars-cov-2-e-covid-19-prevalencia-e-incidencia-sao-a-mesma-coisa-e-mortalidade-e-letalidade> Acesso: em 10 de outubro de 2022.

currículo, didática, conteúdo etc. Em muitos sentidos foi preciso reafirmar que a vida precede o calendário. Então, a vida foi alvo de muitos debates, sendo contextualizada em um processo de exploração das relações neoliberais em que se opera pelo extermínio dos grupos menos favorecidos que não têm lugar algum no sistema, uma política que parte da exclusão para o extermínio, por assim dizer, uma política da morte (MBEMBE, 2011). Muitos foram os casos de execução, violência, assassinato diante das câmeras mundiais. Quais currículos/didáticas tais imagens produziram em nosso imaginário?

Após alguns anos, ainda vivemos um tempo chamado de pós-pandêmico, que vem afetando a sociedade indicando em que antigos e novos desafios persistem, sobretudo, desvelando e ampliando as múltiplas desigualdades presentes no Brasil e no planeta. Nesse cenário, em diálogo com Ailton Krenak (2019), indagamos sobre quais narrativas nos ajudariam a adiar o fim do mundo. E, ainda, quais os novos sentidos de futuro enfrentaremos? Como lidar com o aguçamento das desigualdades socioeducacionais? Como construir estratégias criativas para (re)pensar a escola? Quais emergências epistêmicas teremos pós-pandemia?

O presente artigo tem como objetivo produzir uma reflexão sobre os sentidos de escola vivenciados por docentes e discentes durante e pós-pandemia em circularidade, ou seja, com idas e vindas sobre as experiências em tempos tão singulares e desafiadores. A circularidade, aqui, é entendida como um valor afro-brasileiro (TRINDADE, 2005), abarcando idas e vindas, a roda, horizontalidade, dinamismo e movimento. (...) “Pressupõe também um relacionamento circulante que se desloca em diversas direções, feito de influências recíprocas que estabelecem uma inter-relação e uma intertextualidade entre os diversos saberes” (LEITÃO, 2002, p. 33). Defende-se uma circularidade entre o chão e a nuvem da escola a partir das tensões curriculares e didáticas vividas nesse processo de pandemia e pós-pandemia.

Partimos das vozes dos/das estudantes do Instituto de Aplicação Fernando Rodrigo da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ) trazendo significações sobre a escola no espaço-tempo presente. O CAp-UERJ é um instituto da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ) atendendo três dimensões do ensino: educação básica, graduação e pós-graduação, com o Programa de Pós-Graduação de Ensino em Educação Básica (PPGEB). O mesmo fica localizado no bairro do Rio Comprido, na cidade do Rio de Janeiro/RJ, tendo destaque em sua produção baseada na relação ensino, pesquisa, extensão, gestão e cultura.

O CAp-UERJ é uma instituição pública, vinculada à Universidade do Estado do Rio de Janeiro (UERJ), com objetivo de desenvolver a formação inicial e continuada de docentes. Criado no ano 1957, em função do Decreto-Lei 9053/1946 - que tornou obrigatória às Faculdades de Filosofia, Ciências e Letras o estabelecimento dos chamados “ginásios experimentais”, “colégios de demonstração” ou “colégios de aplicação” (CORREIA, 2017) -, o Ginásio de Aplicação da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras, pertencente a então Universidade do Distrito Federal (UDF), nasceu sob a perspectiva de ofertar uma formação docente voltada à experimentação metodológica e vivência teórico-prática (FERREIRA, et alii, 2020, p. 48).

Metodologicamente operamos a partir da vocalização dos sujeitos, estudantes do Ensino Fundamental, as vozes representam uma dimensão pungente nos dias de hoje, já que a vocalização se torna uma potência nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, especialmente em Educação. São narrativas que traduzem uma intencionalidade teórico-metodológica presentes como recorte das realidades sociais que atravessam as experiências em sua dimensão com o conhecimento (hooks, 2013). Substratos que são evocados não em um sentido de ilustração, ou seja, de mera corroboração para algo já existente. Antes de tudo, parte-se de tais vozes para se construir uma teorização *com/para* os que estão presentes na escola (MATTOS; ALVES, 2015), uma teorização de relação com o conhecimento escolar.

Na abordagem etnográfica, chama-se o movimento “a voz do aluno”, significando ouvir o que ele tem a dizer e entendê-lo como sujeito de pesquisa que elabora e reelabora o seu saber sobre o objeto a ser pesquisado, através de ressignificações dando sentido às práticas investigativas necessárias à produção de conhecimento sobre/com a escola (CASTRO, 2011). Tal produção é pautada no entrelaçamento dos atores, dos conhecimentos e das culturas, coletivas e individuais, permeada pela emergência de uma reflexividade sobre as condições sociais em que se vive (BORGES; CASTRO, 2019). Também operamos com as dimensões éticas presentes nas pesquisas em Ciências Humanas e Sociais, baseados nas orientações do Conselho Nacional de Saúde expressos na resolução n. 510 de 2016 (BRASIL, 2016). Dessa forma, os nomes dos/das estudantes são fictícios, temos autorização para realização de uso de dados e também anuência da instituição.

A seguir abordaremos conceitualmente a ideia de (re)imaginação, pautada na sociologia, e do que entendemos ser as disputas curriculares/didáticas *com/na/sobre* a escola. Situamos nossas reflexões a partir da experiência do vivido, por isso mesmo, de um conhecimento sensível à realidade.

(RE)IMAGINANDO A ESCOLA: DISPUTAS DE SENTIDOS CURRICULARES/DIDÁTICOS

A imaginação é uma das formas mais poderosas de resistência que pessoas oprimidas e exploradas podem usar e usam. Em situações traumáticas, é a imaginação que pode garantir a sobrevivência. Frequentemente, crianças sobrevivem abusos imaginando um mundo em que encontrarão segurança (hooks, 2020, p.105).

A imaginação é o mote para pensarmos as mais diversas formas de produção curricular/didática presentes na escola do tempo presente. Diante da relação oprimidos/as e opressores/as emerge novos sentidos de (re)existir em contextos situados pelo caos, violência e extrema pobreza. hooks (2020), dessa forma, nos chama atenção dizendo que a imaginação pode nos auxiliar/garantir processos de sobrevivência.

Antes da chegada de uma vacina que garantisse o retorno ao nosso convívio social tivemos que imaginar para sobreviver, dialogando com hooks (2020). Foi preciso acreditar na ciência e na capacidade que homens e mulheres tinham de decodificar genomas garantindo descobertas/possibilidades de cura. Com a chegada das vacinas e toda a campanha realizada socialmente e individualmente, entretanto, foi preciso enfrentar outra batalha: reafirmar o papel da ciência e de que as vacinas foram/são/serão importantes em um mundo

globalizado. No Brasil, o presidente da República foi contra a vacina e, por diversas vezes, insinuou que tomar vacina nos "transformaria em jacarés" (Disponível: <https://www.youtube.com/watch?v=IBCXkVOEH-8>).

Dessa forma, recorremos a Mills (1969) para pensar que a imaginação sociológica nos ajuda na compreensão do cenário histórico, por exemplo, o descrito nesse texto, nos possibilitando analisar de forma empírica os sentidos da (pós)pandemia diante da necropolítica, desumanização do humano, enfim, da imbricada relação entre morte e vida.

A imaginação sociológica capacita seu possuidor a compreender o cenário histórico mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais. Dentro dessa agitação, busca-se a estrutura da sociedade moderna e dentro dessa estrutura são formuladas as psicologias de diferentes homens e mulheres (MILLS, 1969, p.11).

A imaginação sociológica nos permite compreender as relações humanas no espaço-tempo que ela mesmo produz e é produto do social. E a escola, qual seu lugar? Foi preciso reafirmar o lugar da escola, bem como o lugar da ciência, mas não uma ciência desumana, antes de tudo, uma ciência que valorizasse a vida. Reafirmar seu lugar contra as *fake news* tão propagadas pelos grupos do aplicativo WhatsApp e nas redes sociais. Reafirmar os/as docentes como intelectuais criativos/as diante das emergências impostas. Foram muitas as reafirmações necessárias mesmo diante do medo do inesperado, do não sabido.

Em diálogo com o curricularista W. Pinar (2016) assumimos que o currículo é uma conversa complicada. Uma conversa que está entremeadada a muitos textos e contextos, alguns já relatados aqui. E avançamos com as reflexões de Sússekind (2019, p.280) para reafirmar que "O currículo é uma conversa porque as pessoas estão falando uma com as outras". Significamos os processos curriculares/didáticos como dimensões coletivas e dialógicas baseadas na relação entre sujeitos, conhecimentos e instituições. Precisamos conversar dia a dia, reafirmando que não há neutralidade do fazer educativo, e entendemos a disputa como uma dimensão política na correlação de forças do mundo que vivemos.

Foi preciso (re)imaginar a escola como prática social na vida dos próprios sujeitos e sujeitas que vivenciaram a pandemia em contextos diversos e adversos, já que nunca estivemos no mesmo "barco"². Aqui a metáfora do barco foi muito utilizada no começo da pandemia em que, repetidas vezes, era alardeado que estávamos todos e todas no mesmo barco, ou seja, o mundo pandêmico. Pouco a pouco fomos percebendo que na verdade algumas pessoas estavam em uma canoa, outras somente com o bote, já outras em imensos iates e transatlânticos.

Assumimos, então, a imaginação dos próprios sujeitos que fazem parte da escola (e também fora dela), geram novos tipos de política, novos tipos de expressão coletiva e novas

² A expressão informa sobre os sujeitos estarem vivendo nas mesmas condições, conduzindo para a ideia de estarmos juntos.

necessidades de disciplina social (APPADURAI, 2003). A escola pode ser lida como uma comunidade imaginada que cria sentidos para seus sujeitos. E criando-os, também, os socializa quer seja em âmbito local e/ou global. Mas como a escola da nuvem possibilitou a emergência de novas socializações? Quais sentidos os sujeitos da escola deram a ela em tempos (pós)pandêmicos?

Partirmos da ideia de conhecimentos prévios dos/das estudantes questionamos, por meio de um fórum na sala virtual (FÓRUM: TEMOS DE MUDAR O MUNDO): *escreva com sua família um texto sobre as dúvidas, as dificuldades, as aprendizagens realizadas e as esperanças de futuro com relação à escola e à pandemia*. Muitas foram as respostas e os sentidos mobilizados a partir daquele primeiro desafio, levantar sentidos da escola e do futuro em tempos de pandemia e pós-pandemia.

Apoiados, então, nas vozes das crianças, estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental à época, para construir um processo pedagógico permeado de idas e vindas, com uma reflexão crítica e uma dialogia em sua compreensão. As vozes representam uma dimensão pungente nos dias de hoje, já que a vocalização se torna uma potência nas práticas pedagógicas em diálogo com as dimensões curriculares e didáticas. São 10 (dez) narrativas que traduzem uma intencionalidade teórico-metodológica presente como recorte das realidades sociais que atravessam as experiências em sua dimensão com o conhecimento (hooks, 2013).

A vocalização dos/das estudantes refere-se aos valores, opiniões, crenças, perspectivas e origens culturais das crianças, individualmente e em grupos, dentro de um contexto social específico nos revelando, dessa forma, que para construirmos uma pedagogia engajada pautada em uma educação como prática de liberdade (hooks, 2013) precisamos, sempre, escutar.

Dessa forma, abordaremos a seguir os sentidos da escola pensando sua arquitetura moderna e como ela foi posta em suspensão (CARVALHO; LEVY, 2021) no contexto pandêmico e pós-pandêmico. As vozes dos/das estudantes são importantes instrumentos de reflexão analítica que nos ajudam a pensar sobre novos e/ou possíveis sentidos de escola que coexistem em disputa na contemporaneidade.

E NÓS, SUJEITOS DA E COM A ESCOLA? OS DIZERES SOBRE AS VIVÊNCIAS EDUCACIONAIS

A vocalização dos/das estudantes é apresentada como um mosaico para compreendermos os movimentos entre os processos de ensino e aprendizagem num momento de reinvenção de práticas pedagógicas, vivências pessoais e profissionais. Entre espaços, tempos e sujeitos é possível tecer análises sobre os sentidos da escola (CASTRO; MATOS, 2009).

A preocupação com o tempo foi a marca nas vozes desses estudantes. O não-tempo da pandemia tanto permitia a elaboração da autonomia do/da estudante, ou seja, posso escolher o momento mais adequado para o cumprimento das atividades escolares e também posso ter autonomia de estudo. Por outro lado, deixava em suspenso as certezas de quanto tempo ainda teríamos que esperar pelo fim da pandemia e em quanto tempo seria possível retornarmos ao ensino presencial.

Quais são os dizeres sobre as vivências educacionais durante a pandemia?

Eu acho que ainda vai demorar um pouco para voltar a aula presencial, é muito difícil se adaptar com a aula online, eu acabo devendo algumas tarefas mais com o tempo a gente se acostuma, eu espero que tudo possa se regularizar e que eu possa estar novamente com os meus amigos presencialmente (por Álvaro - 8 Mar 2021).

Eu acho que vai demorar para voltar às aulas, mas eu quero que não demore, não estou conseguindo me adaptar às aulas online. Com isso não estou fazendo todas as tarefas. É eu tô muito ansiosa para voltar às aulas para ver meus amigos e professores, rezo todos os dias para voltar. E isso vai passar (por Carolina - 16 Mar 2021).

Eu não sabia que essa pandemia iria durar tanto tempo. Sinto falta da escola, dos amigos, professores, do recreio, das aulas de educação física porque fazia exercícios com amigos do grupo e de tudo do CAP. Eu tenho esperança de que acabe logo essa pandemia para voltar às aulas presenciais porque é muito melhor ter aulas na sala de aula principalmente matemática porque fica mais fácil de entender e um pode ajudar o outro. Eu aprendi a me cuidar para não contaminar a mim nem os outros. Passei a lavar mais vezes as mãos, não ficar em aglomerações e usar máscara quando saio de casa. Minha dúvida é quando vai chegar a vez das crianças tomarem a vacina. Tive dificuldades no início com as aulas online, de usar o AVACAP (por Gustavo - 9 Mar 2021).

Nas vozes dos estudantes Álvaro, Carolina e Gustavo o tempo, as amizades e o anseio pelo retorno presencial são marcas sobre as aulas online. A memória retoma as vivências dos períodos presenciais na escola e na sala de aula. Como postulado por Castro (2015), a partir dos estudos de Aristóteles, “[...] não é possível lembrar o futuro, não há memória do presente, mas apenas uma senso-percepção” (2001, p. D7v). Para ele, a dimensão do presente é dada pela senso-percepção. Explica que não se pode dizer que se lembra de algo que é presente, mas que se tem a percepção do presente. Quanto ao futuro, especula-se que seja apreendido pela expectativa ou adivinhação de algo que pode vir a acontecer enquanto o passado relaciona-se com a memória.

Tais expectativas estão indicadas nas falas da Samantha e da Nathaly e se relacionam com uma infinidade de dúvidas e incertezas que surgem nos questionamentos sobre esperança, vacinação e o não-cumprimento dos protocolos sanitários (as aglomerações e a recusa em utilizar máscaras).

Sobre as dúvidas, as dificuldades, as aprendizagens realizadas e as esperanças de futuro com relação à escola e a pandemia. Minha dúvida é saber se as aulas presenciais apenas voltarão em 2022; sobre a dificuldade,

não consigo entender o porquê as pessoas ainda não respeitam o protocolo de proteção mesmo sabendo que podem morrer com a infecção que esse vírus causa; quanto às aprendizagens realizadas, percebi que nas aulas online as atividades em grupo são muito mais difíceis por atrapalhar a comunicação entre os participantes, no final cada um acaba fazendo seu trabalho sozinho, e também aprendi que ganhamos duas lições para a vida, respeitar o próximo e nos proteger contra as doenças com a higienização das mãos; já as minhas esperanças para o futuro é que no fim do ano já tenha vacina para os alunos, professores e funcionários para que as aulas presenciais possam retornar utilizando protocolos seguros (por Samanta - 16 Abr 2021).

Tenho algumas dúvidas como o porque os adultos se aglomeram, se vamos mesmo realmente voltar às aulas. No início tive dificuldade em ficar em casa o tempo todo, porque antes da pandemia saía, passeava muito com minha mãe, sentia muita falta disso. Com os trabalhos da escola, as notícias que comecei a acompanhar fui ganhando consciência, não é fácil, mas, estou me adaptando a ficar em casa. Tenho esperança que todos se vacinem e que a pandemia acabe, a minha parte estou fazendo ficando em casa (por Nathaly - 9 Mar 2021).

Destacam-se, ainda, a mudança nas relações familiares com novos hábitos, preocupações e dificuldades. É sabido que, no período pandêmico, muitas questões de desigualdade social e de acesso à tecnologia foram trazidas aos palcos de discussão de diferentes setores da sociedade. Masschelein e Simons (2017, p.19) questionam se a língua da escola seria alienante ou emancipadora ao informar que esta última "tem sido acusada de ser um maquinário normalizador, colonizador e alienante, que impõe, estabelece e reproduz mais ou menos violentamente certa ordem social [...]". Nesse sentido, observam-se as explicações dadas pelos estudantes Vinícius, Lívia, Lorena e Marcela.

Essa quarentena está sendo muito difícil para mim, sem poder sair de casa, no meu apartamento não tem playground, nem piscina, e a gente não pode correr dentro de casa porque a vizinha de baixo está reclamando o tempo todo. Uma das coisas boas dessa quarentena é que minha mãe aprendeu a fazer bolo e pizza e nós vamos nos mudar é de apartamento infelizmente não vamos sair desse prédio, mas a gente (eu e minha irmã) estamos aproveitando para jogarmos bola escondidos no corredor enquanto meu pai faz a obra. A minha esperança é que esse ano todos tomem a vacina e logo vamos estar todos na rua sem máscara e sem protocolos e que tudo volte ao normal como era antes dessa pandemia, inclusive que a escola volte ao normal, quero ver meus amigos e vocês professores e não aguento mais ficar com a cara grudada na tela do computador (por Vinícius, 14 Mar. 2021).

Sinceramente, não sabia que a pandemia iria durar mais de um ano, sinceramente aconteceram coisas horríveis nesse ano, a gente perdeu pessoas importantes foi bem difícil de lidar, mas ainda assim as pessoas ficam se aglomerando, e saindo de casa sem máscara e sem álcool gel. A

minha pergunta é: será que depois de todas as pessoas se vacinarem a gente vai voltar para o nosso antigo normal??? (por Livia - 9 Mar. 2021).

No começo da quarentena pensamos que ia passar rápido, mas depois vimos a situação que estava ficando as escolas fechando, lojas e restaurantes. Na minha casa moram 10 pessoas, duas são de risco então tomamos muito cuidado quando saímos de casa, eu não gosto de ficar em casa sem fazer nada então eu tento ocupar a minha mente fazendo coisas tipo dançar desenhar. Esse ano pensamos que ia acabar, mas só piorou muito as comidas aumentaram pessoas estão morrendo só agora que a vacina chegou eu espero que isso melhore logo para eu poder sair e poder voltar para a escola (por Lorena 11 Mar. 2021).

Eu fiquei meio triste, queria muito estar abraçada com a minha família, meus amigos, familiares, sem me preocupar com doenças... Claro que sempre temos que nos preocupar, mas estaríamos mais felizes. Estou tendo um pouquinho de dificuldades de cuidar de mim, da minha irmã, que não para quieta, fica o tempo todo mexendo com a nossa gata, que fica para lá e pra cá, e outras coisas. Só que estou bem, não é nada sério. Mesmo assim sempre passo álcool em gel, lavo as mãos, e sempre estou me cuidando. É muito importante se cuidar, porque se cuidando, você se previne, e previne os outros também. Nessa quarentena eu aprendi muitas coisas, eu também mudei bastante. Eu fiquei mais extrovertida, aprendi palavras e significados novos, aprendi mais sobre a COVID... Essa quarentena me ajudou a fazer as coisas que antes eu não tinha tempo. Eu fiz muitas novas amizades pela internet, fiz amigas e amigos muito legais. Ouvi bastante músicas, descobri outros estilos musicais diferentes... Eu estou aproveitando mais, mas também ao mesmo tempo me cuidando. Eu tenho muitas esperanças de voltar à escola, reencontrar meus amigos... Estou ansiosa para me vacinar e poder encontrar todos meus amigos e familiares (por Marcela - 9 Mar. 2021).

Os comportamentos dos estudantes, durante a pandemia, foram mediados/controlados pelas relações familiares, dando conta, ainda, dos processos de interação dos pais e/ou responsáveis com os docentes e a gestão da escola. Sobre isto, cabe ressaltar a demanda para que a escola continuasse a atender aos objetivos das aprendizagens mensurados pelas avaliações. Situação que Paixão (2006) ressalta a necessidade de acompanhamento do trabalho da escola pelos pais (responsáveis) "como um movimento pela melhoria da qualidade na educação [...]" (PAIXÃO, 2006, p.63), e é reforçada pelos estudos de Carvalho "quando se fala na desejável parceria escola-família e se convoca a participação dos pais (termo genérico para pais e mães) na educação, como estratégia de promoção do sucesso escolar" (2004, p.42). Portanto, uma estratégia de parceria para reforçar os sentidos e circularidades da escola.

A adaptação também acompanha as vozes discentes e docentes, durante e pós-pandemia. Como afirma Candau (2020), não basta resistir é preciso ir além, criando novas possibilidades curriculares/didáticas, enfim, pedagógicas.

[...] que provoquem insurgências, por pequenas que sejam orientadas a construir uma perspectiva outra para os processos educacionais, tanto referentes à escola como à educação não formal. Partimos da afirmação de que não basta resistir. É necessário ir além. Insurgir supõe criar. Construir. Identificar perspectivas teórico-práticas que apontem para outro horizonte de sentido, outras formas de desenvolver processos educacionais que se confrontam com as tendências dominantes (CANDAU, 2020, p. 13).

Sobre as insurgências, destacam-se as análises docentes (profissional e pessoal) apresentadas por Castro e Borges (2021) enquanto dividia-se o tempo entre a vida doméstica e profissional, com as lutas em defesa da vacina (Disponível em: https://www.instagram.com/p/CQwfOcjBAc6/?utm_medium=copy_link), pelos direitos dos professores durante a pandemia, documento produzido a partir das discussões com representantes da reitoria da Universidade Estadual da Paraíba - UEPB e da Associação dos Docentes da Universidade Estadual da Paraíba – ADUEPB, contra a reforma administrativa, pela valorização da educação, pela formação de professores com qualidade, pelo financiamento público para as instituições públicas, sempre mantendo a vigilância para as estratégias que tentam diminuir o tamanho das instituições educacionais e a extinção do servidor público.

Vale ainda ressaltar o propalado "novo normal" que substituiria as relações sociais como todo. Muitas das nossas esperanças voltam-se para uma conscientização sobre as implicações do nosso papel na sociedade. Em última análise, nas vozes docentes, encontramos, quando do retorno das atividades presenciais, a normalidade do uso de medicação, especialmente a controlada, para amenizar os efeitos da ressocialização nos contextos escolares. Os enfrentamentos, também, giram em torno de uma agenda por educação emocional, mas sem uma formação orientada para tal e, assim, seguimos re(imaginando) a escola.

À GUIA DE CONCLUSÃO

Cantar, dançar e viver a experiência mágica de suspender o céu é comum em muitas tradições. Suspender o céu é ampliar o nosso horizonte; não o horizonte prospectivo, mas um existencial. É enriquecer as nossas subjetividades, que é a matéria que este tempo que nós vivemos quer consumir. Se existe uma ânsia por consumir a natureza, existe também uma por consumir subjetividades – as nossas subjetividades. Então vamos vivê-las com a liberdade que formos capazes de inventar, não botar ela no mercado (KRENAK, 2019, p. 32).

Krenak (2019) nos convoca a uma insubordinação cotidiana, suspender o céu. Tal suspensão ocorre pela possibilidade de ampliação do horizonte. De forma crítica os/as estudantes usaram suas vozes como potência para refletir sobre as condições humanitárias em um período de crise. Também teceram narrativas que ampliaram nosso horizonte adiando, quem sabe um pouco, o fim do mundo (KRENAK, 2019).

O presente artigo produziu reflexões sobre os sentidos da escola vivenciados por docentes e discentes durante o período (pós)pandêmico em circularidade, ou seja, partindo de movimentos temporais distintos criamos análises para (re)imaginar os sentidos da escola. Convencidos de que a luta por uma escola pública e socialmente referenciada “passa pela tomada da palavra pelas professoras [professores], historicamente impedidas de dizer a sua própria palavra” (ALVES; GARCIA, 2008, p.8) estamos aqui disputando as significações da escola e de sua crise, dizendo, falando, enfim, erguendo a voz de forma coletiva. Ainda ficam algumas questões como lidar com a presença das tecnologias a partir de agora? Precisamos lutar por conectividade? Quais os impactos ao longo prazo da pandemia nos processos educacionais de crianças e jovens? Como pensar uma formação docente que seja sensível à própria realidade educacional?

Para tais questionamentos, o que estamos vivenciando (momento atual 2022-2023) são práticas que permaneceram, mas sem a carga de conectividade da pandemia, por exemplo, as reuniões infundáveis; os eventos com opção híbrida (presencial e on-line); atividades síncronas e assíncronas em cursos de formação, dentre outras ações que diminuíram distâncias criando um baixo impacto nas desigualdades de acesso e possibilitaram novas redes de conhecimento. Entretanto, outras vertentes, como os cursos de graduação, precisaram de medidas restritivas para o avanço desenfreado das práticas à distância. As lacunas em alguns campos ainda serão vivenciadas por um período maior, como a alfabetização e o encerramento do Ensino Médio durante a pandemia, com e sem acesso ao ensino superior.

A suspensão da escola nos possibilitou análises profundas em suas estruturas, sobretudo, colocando relevo nas desigualdades. A pandemia reverberou e, ainda reverbera, a luta e pauta por justiça social. Diante do inédito e da imprevisibilidade do futuro, tivemos que seguir colocando em xeque os sentidos da escola e dos processos de escolarização pautando novas e permanentes disputas.

Nesse momento de suspensão, são necessários debates sobre currículo, inclusão e função dos processos avaliativos. Os destinos das instituições escolares dependem da capacidade de equilíbrio entre medidas urgentes de atuação com estudantes em processo de escolarização e o debate sério de reestruturação e assentamento de bases que indiquem, em longo prazo, o que será a educação pós-pandemia. Não será a mesma, de fato. Nós tampouco seremos os mesmos (CARVALHO; LEVY, 2021, p. 217).

As vozes discentes, e também nossa como docentes, indicaram caminhos para repensarmos o lugar da escola, seu sentido e pluralidade no tempo presente. A pandemia foi um momento de crise global que alterou as paisagens sociais evidenciando uma grande complexidade que alarga as bordas do que venha ser moderno e da própria modernidade (APPADURAI, 2003). A partir das experiências de subjetivação de quem vivenciou tal crise, sobretudo no campo da Educação, geramos possibilidades de reflexão analítica que nos ajudam a (re)imaginar a escola na contemporaneidade e na formulação de políticas que possam mitigar as desigualdades socioeducacionais.

REFERÊNCIAS

- ALVES, N.; GARCIA, R. *O sentido da escola* (Orgs.) 5ed. Petrópolis: DP et Alíii, 2008.
- APPADURAI, A. *Modernity at large: cultural dimensions of globalization*. Minneapolis: University of Minnesota Press, (1996) ed. 2003.
- BORGES, L. P. C.; CASTRO, P. A. A etnografia da escola: entrelaçando vozes, sujeitos, conhecimentos e culturas. *Revista Periferia*, Duque de Caxias: RJ, v. 11, p. 404-423, 2019.
- BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução no 510, de 7 de abril de 2016. Trata sobre as diretrizes e normas regulamentadoras de pesquisa em ciências humanas e sociais. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 24 maio de 2016.
- CANDAU, V. M. *Pedagogias Decoloniais e Interculturalidade: Insurgências*. 1. ed. Rio de Janeiro: APOENA, 2020. v. 1. p.263.
- CARVALHO, M.E.P. de. Escola como extensão da família ou família como extensão da escola? O dever de casa e as relações família-escola. *Revista Brasileira de Educação*, n.25, Rio de Janeiro, p. 94-104, jan./fev./mar.abr. 2004.
- CARVALHO, L. B.; LEVY, M. de A.; Escola em suspensão: a construção de uma educação-nuvem. IN: PONTES, C.; REIS, G.; FREIRE, S.I. (Orgs.). *O Colégio de Aplicação da UFRJ diante do inédito: perspectivas femininas da escola em suspensão*. Rio de Janeiro, RJ: AYUV, p. 203-218, 2021.
- CASTRO, P. A. *Tornar-se aluno - identidade e pertencimento: perspectivas etnográficas*. Campina Grande: EDUEPB, 2015.
- CASTRO, P. A. de. *Tornar-se aluno: identidade e pertencimento – um estudo etnográfico*. Tese (Doutorado em Educação) – Rio de Janeiro: UERJ, Faculdade de Educação, 2011.
- CASTRO, P. A.; BORGES, L. P. C. Nós da/na pandemia: a docência remota. *Revista ADUEPB Debate*. Campina Grande, p.9-10, 2021.
- CASTRO, P. A.; MATTOS, C. L. G. Espaços, tempos, sujeitos: uma análise etnográfica dos saberes produzidos em sala de aula. *Revista Teias* (UERJ. Online), v. 10, p. 1-11, 2009.
- EVARISTO, C. *Canção pra Ninar Menino Grande*. 2ed. Rio de Janeiro: Pallas, 2022.
- FERREIRA, W.; PAIN, R. de S; SOUZA, G.N.; SILVA, A.O. A formação docente em Sociologia no CAP-UERJ: uma experiência entre o ensino curricular e a extensão universitária. *Revista e-Mosaicos*, v. 09, p. 46-59, 2020.

HOOKS, b. *Ensinando a transgredir: a educação como prática de liberdade*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2013.

HOOKS, b. *Ensinando pensamento crítico: sabedoria prática*. Tradução Bhuvi Libanio. São Paulo: Elefante, 2020.

KRENAK, A. *Ideias para adiar o fim do mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

MASSCHELEIN, J; SIMONS, M. A língua da escola: alienante ou emancipadora? In LARROSA, J. (Org.). *Elogio da escola*. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2017.

LEITÃO, C. F. A circularidade de saberes e o exercício de poder na experiência dos coletivos de autoformação. Dissertação (Mestrado em Educação), Rio de Janeiro, PROPEd/UERJ, 2002.

MATTOS, C. L. G. ALVES, W. B. Outros saberes sobre a escola: a voz do aluno na pesquisa em educação. In: Maria do Socorro Lucena Lima; Maria Marina Dias Cavalcante; José Albio Moreira de Sales; Isabel Maria Sabino de Farias. (Org.). *Didática e prática de ensino na relação com a escola*. 1ed. Fortaleza: EdUECE, 2015, v. 1, p. 03435-03446.

MBEMBE, A. *Necropolítica*. Espanã.melusina, 2011.

MILLS, C. W. *A Imaginação Sociológica*. Tradução de Waltensir Dutra. Rio de Janeiro, Zahar, p.256, 1969.

PAIXÃO, L. P. Compreendendo a escola na perspectiva das famílias. *Educação, diferenças e desigualdades*. Cuiabá: EdUFMT, 2006.

PINAR, W. *Estudos curriculares: ensaios selecionados*. São Paulo: Cortez, 2016.

SILVA, C. M. da S. P. da. Et al. Conexões em afeto: bases para a construção de uma escola nas nuvens. *Revista Perspectivas em educação básica*, Rio de Janeiro, v.01, n. 4, p. 54-62, Mar./2021.

SÜSSEKIND, M. L. Conversas complicadas com os currículos e os cantos dos estados-nação. *Revista Momento-Diálogos em Educação*, v. 28, p. 277-286, 2019.

TRINDADE, A. L. da. Valores civilizatórios afro-brasileiros na Educação Infantil. In: TRINDADE, A. L. da (org.). *Africanidades brasileiras e educação: salto para o futuro*. Rio de Janeiro: ACERP; Brasília, DF: TV ESCOLA, 2013. p. 131-138.

Informações do(a)(s) autor(a)(es)

Nome do autor: Luís Paulo Cruz Borges

Afiliação institucional: Instituto de Aplicação Fernandes Rodrigues da Silveira da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (CAp-UERJ)

E-mail: borgesluispaulo@yahoo.com.br

ORCID: Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-2153-5229>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0194486050835751>

Nome segundo autor: Paula Almeida de Castro

Afiliação institucional: Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

E-mail: paulacastro@servidor.uepb.edu.br

ORCID: <http://orcid.org/0000-0001-8559-3498>

Link Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7813446738576212>